

# PRÁTICAS DE LETRAMENTO DA RÁDIO ESCOLA

BRÍGIDA BARBOSA COSTA<sup>1</sup>  
IVEUTA DE ABREU LOPES<sup>2</sup>

## RESUMO

A inovação constante da tecnologia vem mudando a forma como interagimos e aprendemos. A presença de mídias no espaço escolar vem contribuindo de forma significativa para o processo ensino-aprendizagem. Neste trabalho, versamos sobre as práticas de letramento na rádio escola, uma mídia que resiste ao tempo, se adequa às inovações de cada geração tecnológica e adentra o espaço escolar como atividade de extensão dos conteúdos estudados em sala de aula e dos temas que por eles perpassam. Nosso objetivo foi investigar as práticas de letramento que a rádio escola pode oferecer à educação básica. Para isso, realizamos uma pesquisa de natureza bibliográfica, dialogando com outros pesquisadores mais experientes no assunto, como Baltar (2012), Consani (2015), Lopes (2006), Soares (2009), Dudeney et al. (2016) e Marcuschi (2010). Analisamos seus aportes para chegar a uma visão mais ampla do fenômeno pesquisado. Por fim, apresentamos e discutimos um possível roteiro dessas práticas. E, entre algumas conclusões, ressaltamos que as atividades desenvolvidas em projetos de rádio escola se configuram como práticas linguísticas sociais que formam falantes mais críticos e criativos, pois inserem os alunos em contextos reais de uso da língua pelo contato com gêneros textuais que circulam socialmente, levando-os à apropriação de formas de dizer adequadas a públicos e propósitos comunicativos diferenciados. Essas práticas, mais que nomenclaturas e estruturas textuais, permitem a compreensão da função da língua na vida em sociedade, no mercado de trabalho e na geração de conhecimento.

**Palavras-chave:** Práticas de letramento, Língua, Rádio escola, Educação básica.

1 Doutoranda em Letras/Linguística, Universidade Federal do Piauí – UFPI, briprofletras@yahoo.com.br;

2 Professora orientadora: Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, iveuta@uol.com.br.

## INTRODUÇÃO

**N**ão apenas no ensino de língua, mas em todas as outras áreas do conhecimento, desde a alfabetização até o ensino médio, há que se pensar o ensino a partir de práticas de letramento, já que pela linguagem/língua podemos ser incluídos ou excluídos socialmente. Quando mediadas por ferramentas tecnológicas, essas práticas de letramento podem ser ainda mais significativas e obterem melhores resultados.

A rádio é uma mídia que vem resistindo ao tempo, se adaptando às novas tecnologias e adentrando espaços diversos. No ambiente escolar, a rádio propicia a criação de espaços educacionais, dando voz aos alunos e à comunidade, se convertendo em ferramenta de apoio pedagógico às diversas áreas do conhecimento propostas nos currículos escolares da educação básica e levando os alunos a compreenderem a função social dos diferentes usos da língua.

As atividades propostas na rádio escola são práticas reais de uso da língua, contemplando uma diversidade de gêneros textuais com temáticas também diversas. Os textos produzidos na rádio escola são textos que ultrapassam a produção textual para obter uma nota ou para demonstrar domínio de um tema ou da norma culta da língua. São textos construídos/arquitetados para atingirem propósitos comunicativos reais junto a um público específico.

Na rádio escola, a compreensão do processo de construção de qualquer gênero textual (oral, escrito ou multimodal) permite que o aluno da educação básica leia, escreva e fale de forma mais consciente e crítica, se apropriando de informações em áreas diversas e selecionando as que considerar mais pertinentes. Isso propicia a formação de receptores mais ativos e comunicadores mais criativos, logo, mais responsáveis pelo que falam ou escrevem. E eis o que justifica esta pesquisa: a necessidade de ampliar as discussões sobre ferramentas tecnológicas que potencializem as práticas de letramento na educação básica e suscitem novas perguntas de pesquisa que visem preparar o aluno para as diversas interações sociais contemporâneas.

Partimos da seguinte pergunta norteadora: quais as possibilidades de práticas de letramento em projetos de rádio escola na educação básica? Nosso objetivo geral foi investigar as práticas de letramento que a rádio escola pode oferecer à educação básica, mais especificamente:

a) fazer um levantamento teórico acerca de trabalhos com a rádio escola e trabalhos com práticas de letramento na educação básica; b) selecionar as informações levantadas sobre rádio escola e práticas de letramento a partir de uma análise crítico-comparativa, detectando pontos de convergência e/ou divergência; e c) identificar práticas de letramento que podem ser desenvolvidas em projetos de rádio escola na educação básica.

Para isso, optamos pela pesquisa bibliográfica, dialogando com outros pesquisadores, analisando criticamente suas pesquisas, comparando-as, a fim de chegar à geração de novas informações, acrescentando à literatura já produzida em torno dessa temática. A pesquisa bibliográfica apresenta a vantagem de oferecer uma gama muito maior de informações do que aquelas coletadas em uma única pesquisa. Ela possibilita a confirmação de dados que estão presentes em várias pesquisas, o questionamento ou refutação daqueles que podem ser específicos de uma determinada realidade, grupo ou lugar, e a detecção de lacunas em torno da temática.

A pesquisa realizada nos levou a inferir que as atividades na elaboração e apresentação dos programas que vão ao ar na rádio escola passam, no mínimo, pelas etapas de planejamento, pesquisa, plano escrito da lauda de apresentação e a apresentação oral. O conjunto dessas etapas configuram práticas de letramento em leitura/escuta, escrita e oralidade, pois envolvem a leitura/audição e produção de diferentes textos (orais, escritos e multimodais), desenvolvendo habilidades e estratégias de leitura e escuta; conhecimentos linguístico-textuais como a norma culta da língua, coesão, coerência e clareza; e o reconhecimento de que oralidade e escrita possuem condições de produção específicas, mas não necessariamente dicotômicas.

Concluimos que, na educação básica, as práticas de letramento na rádio escola geram falantes mais criticamente informados e mais seguros linguisticamente para interagir nas diversas situações comunicativas intra e extraescolares, uma vez que os alunos são inseridos em contextos diversos e reais de uso da língua.

## **METODOLOGIA**

Optamos pela pesquisa bibliográfica por ela permitir o contato com diferentes pesquisas a respeito de uma mesma temática, logo,

uma variedade de dados bem maior do que aquela que obtemos quando vamos a campo. O contato com livros, artigos científicos, ensaios críticos, entrevistas, palestras etc. oportunizam uma visão de um determinado objeto de estudo por perspectivas diferentes, que ora dialogam e ora podem divergir. Isso enriquece a visão do pesquisador, conforme asseveram Minayo (2013) e Gil (2017).

De acordo com Marconi e Lakatos (2021), a pesquisa bibliográfica compreende oito fases que estão presentes em nosso percurso metodológico. Iniciamos escolhendo o tema; elaborando um plano de trabalho; consultando bases de dados, como FAPESP, CAPES, CNPq, além de catálogos e periódicos, para identificação das obras e localização das fichas bibliográficas relacionadas ao nosso objeto de estudo. Em seguida, passamos à fase de compilação do material encontrado; cujos dados foram fichados em arquivos eletrônicos para facilitar consultas posteriores.

A penúltima fase consistiu em analisarmos e interpretarmos crítico-comparativamente o material levantado, o que, segundo as autoras supracitadas, exige do pesquisador a capacidade de expor o verdadeiro significado dos dados e compreender as ilações que estes podem conter. Foi essa análise e interpretação dos dados que possibilitou conclusões e a geração de novas informações, como uma proposta de roteiro de práticas de letramento em leitura/escuta, escrita e oralidade na rádio escola. Por fim, realizamos a redação da pesquisa de acordo com o tipo de trabalho científico almejado para apresentar este artigo científico.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A linguagem é o meio que possibilita a nossa inserção social. É na interação com os outros que aprendemos a falar, a escrever, a conhecer, a analisar, a argumentar... Essa interação pode ser física ou virtualmente presencial/síncrona, ou assíncrona, por intermédio de um texto escrito, imagético, gravado ou filmado. Assim, não há como se obter conhecimento sem o mínimo de interação, de linguagem, de língua. Por meio dela, podemos ser incluídos ou excluídos socialmente.

A educação formal, ensinada na escola, não pode estar alheia a essa concepção de aprendizagem (pelas diversas interações), pois todo conhecimento formal adquirido por um indivíduo passa pelo

uso da linguagem, da língua. Assim, podemos dizer que pelo domínio das diferentes linguagens, dos diferentes usos da língua, o indivíduo conhece e compreende o mundo e seus fenômenos sociais, políticos, econômicos, culturais, históricos, ambientais e, inclusive linguísticos, o que viabiliza a geração e/ou ampliação de conhecimentos, sua inserção nos diversos grupos sociais e no mercado de trabalho, conforme seus interesses, habilidades e conhecimentos já adquiridos. A partir daqui, nos delimitaremos à discussão dos usos da língua como uma manifestação da linguagem que garante o acesso ao conhecimento nas diversas interações.

Um ensino formal da língua (escrita e oral) imerso em práticas de letramento, especialmente na educação básica, garante ao aluno a compreensão dos diferentes usos da língua não apenas dentro, mas também fora da escola. De acordo com Street (1995 apud Lopes, 2006, p. 57), as práticas de letramento “refere-se tanto ao comportamento quanto à conceitualização social e cultural que confere significado aos usos da leitura e/ou da escrita”. Lopes (2006) afirma que as práticas de letramento dizem respeito à forma como um determinado grupo social usa a língua escrita. Soares (2009, p. 24) exemplifica:

Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Novos estudos consideram que o termo letramento já contempla bem mais que o uso social da escrita. Para Aguilar (2016, p. 145), por exemplo, **“a oralidade é uma prática de letramento que tem a ver com modos culturais gerais nos usos orais da língua”** (grifos da autora). Souza (2011) considera a existência de “letramentos”, uma vez que tanto o indivíduo escolarizado quanto o não-escolarizado desenvolvem práticas de letramento. De acordo com Corrêa e Dias (2016), já em 1996, o New London Group cunhou o termo “multiletramentos”,

que aqui no Brasil vem ganhando espaço mais recentemente. Na pesquisa que aqui apresentamos, adotamos a concepção de “letramentos”, mais especificamente voltados para a leitura, a escrita, a oralidade e a mídia rádio escola.

Dudeny et al. (2016) pontua que letramento e língua estão fortemente aglutinados, primeiro porque a verdadeira noção de letramento se baseia na língua, segundo, porque os letramentos estão ligados à comunicação de sentido, seja pela linguagem, seja por outros canais complementares. Entre esses canais, destacamos a rádio escola, que, como outras mídias tecnológicas e digitais, vem potencializando o aprendizado dos diferentes usos da língua (oral e escrita), pois “Ensinar língua exclusivamente através do letramento impresso é, nos dias atuais, fraudar nossos estudantes no seu presente e em suas necessidades futuras” (DUDENEY et al., 2016).

Documentos oficiais orientadores das diretrizes e currículos da educação básica, como a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB 9393/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, pontuam a necessidade de preparar os alunos da educação básica para a vida em sociedade e o mercado de trabalho em um mundo tecnologicamente conectado. É imperativo que as mídias tecnológicas estejam presentes nas escolas e ultrapassem a função de meras ferramentas didáticas, mas que oportunizem laboratórios de criação de novas linguagens, de formação de sujeitos mais críticos e ativos ante ao que aprendem e multiplicadores de novos saberes por meio de atividades discursivas. Baltar (2012, p. 29) propõe:

instaurar, **na escola**, um espaço para a prática de atividades de linguagem de ambientes discursivos diversos, as quais de fato ocorrem cotidianamente no tecido social, não somente escolares. Um exemplo de atividade significativa de linguagem relacionada ao ambiente discursivo midiático seria a produção de jornais escolares ou de **programas de rádio**. (grifos nossos)

Ghil (2018, p. 56) descreve as rádios escolares como “verdadeiros instrumentos didático-pedagógicos que funcionam com o auxílio de um sistema de alto-falantes distribuído pela escola indo ao ar, geralmente, no horário do recreio.” Para Baltar (2012), práticas de letramento na rádio escola podem romper com o estado de coisas posto pelas forças

das ordens dominantes de poder, formando protagonistas sociais. Isso porque, ao produzirem os programas, os alunos planejam, discutem, consideram os propósitos comunicativos dos programas, as formas discursivas e o público-ouvinte.

Assim, realizam a pesquisa por meio de fontes impressas, digitais, auditivas, multimodais, e selecionam, a partir de uma análise crítica, o que melhor se adequa ao que planejaram. Ou seja, se informam, se posicionam ante as informações e as multiplicam por meio dos programas na rádio escola.

No Brasil, desde que surgiu, o rádio já trazia consigo a função de educar formal e informalmente, fosse por meio de programas de notícias, fosse por programas com aulas de história, língua portuguesa, química, física. Na década de 30, o rádio viabilizou a alfabetização de jovens e adultos das regiões mais remotas e a oferta de cursos técnicos e profissionalizantes com direito à certificação. De acordo com Consani (2015), o rádio prosperou sem concorrência por mais de três décadas e vem resistindo à concorrência das novas tecnologias que surgem diariamente, e ainda consegue inserir-se nelas como atestam os fenômenos da webrádio e do podcast.

Ao adentrar o espaço escolar, o rádio oportuniza a exploração dos mais diversos gêneros textuais, das mais diversas temáticas e insere os alunos em práticas de letramento da leitura/escuta, da escrita e da oralidade. Os textos produzidos na rádio escola (orais, escritos, multimodais) são textos que circulam socialmente, possuem um público-ouvinte e não apenas um professor que irá avaliar seu texto e dar uma nota. Ao produzir um texto para uma situação real de comunicação, o aluno seleciona com maior atenção o que dizer, os modos de dizer, a entonação e o ritmo da voz mais adequados ao público, ao contexto e aos seus propósitos comunicativos. Assim, compreende a função social dos textos que produz e, conseqüentemente, os diferentes usos da língua, como propõe Marcuschi (2010) para o ensino de língua.

Quando, no ambiente escolar, as práticas de letramento da língua estão inseridas em contextos de comunicação mediados pela rádio escola, conceitos como unidade temática, coesão, coerência, clareza, passam a fazer mais sentido para o aluno, além de ele se policiar mais no uso de regras gramaticais basilares para uma comunicação parcialmente formal, também desenvolve estratégias de leitura, escuta e

expressão escrita e oral. Isso garantirá ao aluno da educação básica prosseguir em seus estudos sem muitas dificuldades e inserir-se social e profissionalmente pelo uso da língua.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao comparar os dados levantados em cada pesquisa selecionada para montar o corpus deste trabalho, duas coisas ficaram bem marcadas: a) que o ensino de língua na educação básica deve estar imerso em práticas de letramento; e b) que a rádio escola é uma mídia tecnológica que oportuniza a realização dessas práticas.

Sendo esta pesquisa bibliográfica, a partir da leitura e análise do material levantado, situamos esta seção de discussão em uma possibilidade de roteiro de práticas de letramento na rádio escola. O roteiro contempla práticas de letramento em leitura/escuta, escrita e produção oral.

A primeira etapa do roteiro seria o planejamento, que deve passar por uma discussão oral entre os alunos participantes da rádio escola, para troca de informações e adequações que orientarão o momento da pesquisa. Essa é uma prática de letramento que pode desenvolver habilidades que Baltar (2012) considera fundamentais no trabalho na rádio escola: expressão oral, escuta, argumentação, esquematização das informações, criatividade e união de linguagens para compor o programa.

A segunda etapa seria o momento da pesquisa, que precisa estar conectado com o planejamento feito, a fim de que não se perca de vista o assunto e o objetivo. Durante a pesquisa, leitura/escuta/visualização de textos que abordem o assunto, o aluno é exposto a diversas informações em diversos gêneros textuais. Para Consani (2015, p. 29), essa exposição/contacto “define um padrão para o nosso relacionamento com o mundo”, uma vez que é pelos textos que a interação acontece em todas as esferas sociais.

Quanto mais o aluno da educação básica estiver inserido nesta prática de letramento que é a pesquisa, mais ele vai aprimorando estratégias de leitura e escuta para separar as informações principais das secundárias, identificar as ideias implícitas em cada texto, buscar fontes confiáveis, reconhecer diferentes gêneros textuais e os diferentes posicionamentos sobre um mesmo assunto, comparar e/ou combinar

informações de fontes diferentes e formar uma opinião própria a respeito de fatos, pessoas e problemas sociais.

Selecionadas as informações que o aluno considerar mais pertinentes aos seus propósitos e público, numa terceira etapa, o aluno faria um plano escrito, cujo objetivo é organizar a disposição do tempo, a sequência em que as informações serão apresentadas (e por quem serão apresentadas), os recursos sonoros e verbais a serem utilizados, a logística necessária, o(s) gênero(s) textual(is), entre outros. Organizar um plano, uma rotina, é uma prática de letramento tão necessária que é realizada mesmo por aqueles que não dominam plenamente o código escrito, segundo Lopes (2006).

Outra contribuição desta terceira etapa para a realização dos programas é a prática de adequação da produção escrita ao gênero textual planejado para o programa (lauda do programa, entrevista, radionovela, campanha comunitária, recadinho do coração, notícia etc.). Para isso, o aluno pode tomar como modelo, os textos consultados na etapa de pesquisa ou outros já conhecidos por ele em outras experiências dentro ou fora da escola.

Uma maior atenção ao uso da norma culta da língua pode ocorrer também nessa etapa, além da ampliação vocabular que viabilizará uma seleção lexical que instigue, chame e mantenha a atenção do ouvinte, ou o convença de algo, garantindo o que Silva (1999) chama de retirar o ouvinte do estado de apenas ouvir para o estado de escuta atenta.

Uma última etapa seria a apresentação oral do programa, onde o plano escrito na terceira etapa tem a função de orientar o percurso, mas é a expressão oral que dará vida ao programa. É por meio dessa prática de letramento oral, aliada ao plano escrito, que, mais claramente, o aluno compreende a função social da língua.

De acordo com Silva (1999), o aluno precisa garantir, no mínimo, uma leitura conversada, um tom e ritmo de voz que atraia e mantenha a atenção do ouvinte, podendo fazer uso de repetições, reformulações, hesitações, alongamentos de sons, marcadores conversacionais, silêncio, uso de fundo musical, entre outros, desde que haja um objetivo previamente definido e adequado ao assunto, ao público e ao propósito comunicativo.

Isso permite que os alunos, já na educação básica, compreendam mais significativamente que oralidade e escrita são modalidades de uma mesma língua, mas possuem condições de produção específicas

(MARCUSCHI, 2010), levando à formação de comunicadores críticos, ativos, criativos, linguisticamente seguros e responsáveis pelo que comunicam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros textuais que circulam na rádio escola são os mesmos gêneros que circulam socialmente: notícia, artigo de opinião, entrevista, avisos, entre outros. O contato com essa diversidade de gêneros na rádio escola expõe o aluno a práticas de letramento, situações reais e diversas da e pela língua, permitindo que conhecimentos estudados de forma apenas expositiva sejam compreendidos em sua realização social. Concluímos que as práticas de letramento na rádio escola podem ser variadas, no entanto, todas oportunizam uma vivência social de uso da língua que amplia a visão de mundo dos alunos na educação básica e potencializa as interações sociais, resultando em falantes mais informados, críticos, ativos e criativos.

Esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar a discussão em torno das práticas de letramento na rádio escola, mas incitar novas perguntas, que gerem novas pesquisas, dialogando com as análises aqui apresentadas para ampliá-las ou refutá-las, acrescentando à literatura acadêmica.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, Ana Maria G. C. *Sobre as práticas orais dos povos indígenas: multiletramentos na ponta da língua*. In. SÁ, Rubens L. SOUZA, Ester M. F. NASCIMENTO, Juscelino Francisco do. *Letramento Oral: velhas rotas, novos rumos*. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 125-150.

BALTAR, Marcos. *Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático*. São Paulo, Cortez, 2012

CONSANI, Marciel. *Como usar o rádio na sala de aula*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. DIAS, Daniela Rodrigues. *Multiletramentos e usos das tecnologias digitais da informação e comunicação com alunos de cursos*

*técnicos*. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/tla/a/zQvRFYv8gdDXnWw-FFhPFdrh/abstract/?lang=pt> > Acesso em 20 de julho de 2022.

DESLANDES, Suely Ferreira. *Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade*. Org. Maria Cecília de Souza Minayo. Petrópolis: Vozes, 2013.

DUDENEY, Gavin et al. *Letramentos digitais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GHIL, Jamille Gomes. *Rádio escola no ar: a palavra (en)cantada na educação literária antirracista*. Disponível em: < <https://repositorio.ufes.br/handle/10/9230> > Acesso em 25 de setembro de 2021.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2017.

LOPES, Iveuta de Abreu. *Cenas de letramentos sociais*. Recife: UFPE, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Júlia Lúcia de O. A. da. *Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica*. São Paulo: Annablume, 1999.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.